



DENOMINAÇÕES PARA CAOLHO E VESGO NO ESTADO DE MS: O QUE REVELAM OS DADOS DO ALMS

ONE-EYED AND CROSS-EYED DESIGNATIONS IN THE STATE OF MS: WHAT THE ALMS DATA REVEAL

Kamilla de Lima Vieira (PPGEL-UFMS)¹
kamillalvropelato@gmail.com

RESUMO: O léxico enquanto *tesouro vocabular* de uma língua configura-se como patrimônio social e cultural de uma determinada sociedade, transparecendo crenças, costumes, e tradições de uma comunidade linguística. Posto isto, este trabalho discute resultados de estudos sobre denominações para *caolho* (*zarolho*) e *vesgo* (*olho torto*) registradas na carta 0220.a – “E quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro” e 0221.a – “E o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro?”, do ALMS – Atlas Linguístico de MS (OLIVEIRA, 2007, 159-160). O atlas contempla uma rede de pontos de trinta e duas localidades e realizou inquéritos com 128 informantes. O estudo orientou-se por fundamentos da Lexicologia (BIDERMAN, 1998; ISQUERDO, 2009); Etnolinguística (GUÉRIOS, 1979), Dialetoologia e Geolinguística (FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010). Para *caolho* registraram-se – *cego*, *zarolho*, *cego de um olho*, *cego de uma vista*, *cego de um lado*, *olho torto*, *deficiente do olho*, *vesgo* – tendo *caolho* 36,71% de ocorrências, documentada em todas as localidades da rede de pontos. Para *zarolho* houve os seguintes registros: *vesgo*, *caolho viroto*, *estrábismo*, *olho torto*, *biruto*, *míope*, *olhando do avesso*, *ziroto*, sendo *zarolho* a forma mais produtiva (39,06%), registrada em 28 das 32 localidades da rede de pontos. Em síntese, o estudo demonstrou que as formas lexicais disfêmicas *caolho* e *zarolho* são utilizadas com maior frequência, mas sem levar em conta sua carga semântica pejorativa. Notou-se também um maior cuidado entre as mulheres quanto às escolhas lexicais, predominando entre elas o item *cego* ao invés de *caolho*.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; ALMS; Mato Grosso do Sul; Tabus linguísticos.

ABSTRACT: The lexicon as a vocabulary treasure of a language is configured as a social and cultural heritage of a given society, revealing beliefs, customs, and traditions of a linguistic community. That said, this work discusses the results of studies on denominations for one-eyed (one-eyed) and vesgo (crooked eye) registered in letter 0220.a – “And those who only see with one eye because they lost the other” and 0221.a – “And the individual who has crooked eyes, who seems to be looking at one side and looking at the other?”, from ALMS – MS Linguistic Atlas (OLIVEIRA, 2007, 159-160). The atlas includes a network of points in thirty-two locations and carried out surveys with 128 informants. The study was guided by the foundations of Lexicology (BIDERMAN, 1998; ISQUERDO, 2009); Ethnolinguistics (GUÉRIOS, 1979), Dialectology and Geolinguistics (FERREIRA; CARDOSO, 1994; CARDOSO, 2010). For one-eyed people, there were registered - blind, one-eyed, blind in one eye, blind in one eye, blind in one side, crooked eye, deficient in the eye, squint - with one-eyed 36.71% of occurrences, documented in all locations of the network of points. For one-eyed eyes, there were the following records: cross-eyed, one-eyed viroto, strabismus, crooked eye, biruto, myopic, looking inside out, ziroto, with one-eyed being the most productive form (39.06%), recorded in 28 of the 32 locations in the network of points. In summary, the study showed that the dysphemetic lexical forms one-eyed and one-eyed are used more frequently, but without taking into account their pejorative semantic load. There was also a greater care

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, FAALC, UFMS. Email: kamillalvropelato@gmail.com



among women regarding lexical choices, with the blind rather than one-eyed item predominating among them.

KEYWORDS: Lexicon; ALMS; Mato Grosso do Sul; linguistic taboos

1 Introdução

O léxico enquanto o *tesouro vocabular* de uma dada língua configura-se como patrimônio social e cultural de uma determinada comunidade linguística, pois é a partir de seu estudo que conseguimos observar as constantes mudanças de cunho histórico, geográfico, cultural ocorrida em uma sociedade. Essa mudança refletida diretamente no léxico de uma língua o torna um sistema aberto e, por conseguinte, um sistema em constantes modificações. Com a dinamicidade das unidades lexicais, se tem o aparecimento de novas acepções incorporadas a palavras já existentes, produzindo variantes lexicais, infiltradas no sistema funcional da língua, passando a compor a norma de um determinado grupo de indivíduos.

Dessa forma, quando os falantes escolhem uma unidade lexical em detrimento da outra, revelam suas concepções de mundo, crenças, religiosidades, costumes e valores. Em decorrência disso, surgem “certas” palavras que ao serem relacionadas com as crenças, superstições, decoro, necessitam ser intercambiadas pelos falantes por recursos substitutivos como eufemismos, metonímias, metáforas, disfemismos, deformação fonética, com o intuito de evitar constrangimentos, bem como a evocação de coisas ruins. Nesse sentido, o “olho”, por extensão, evoca em si a presença do tabu. Nas antigas civilizações, por exemplo, era proibido dizer o nome dessa parte do corpo, pois se referia ao deus das tribos malaias.

Nesse perspectiva, o estudo tem por objetivo identificar e analisar desde um ponto de vista diatópico, léxico-semântico, a relação léxico e cultura presentes nas unidades lexicais consultadas a partir das cartas linguísticas do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), que nomeiam os referentes para as perguntas: “E quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro” (OLIVEIRA, 2007, p. 159); “E o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece que está olhando para um lado e está



olhando para outro?” (OLIVEIRA, 2007, p. 160). A escolha dessas perguntas se justifica, pois “[...] o usuário comum da língua confunde-se ao estabelecer a diferença entre “olho torto” e “caolho” [...], por isso atribui a eles as mesmas designações” (ISQUERDO, 2003, p. 172). Assim sendo, a partir das análises das unidades lexicais apuradas será realizado um estudo das *palavras-tabus*, tal qual a noção de Guérios (1979, p. 1): “as palavras exteriorizadas podem ter forças sobrenaturais benéficas ou maléficas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas, a fim de se evitarem malefícios dos mesmos. Esses vocábulos são tabus [...]”.

Nesse ponto de vista, para a sistematização dos dados apresentados, este artigo está organizado com base nos pressupostos teóricos e metodológicos das teorias da Dialetologia e Geolinguística; da Lexicologia e da Semântica, além dos constructos teóricos da Etnolinguística e Antropologia Linguística, as quais tratam da relação entre léxico, cultura e sociedade. Em seguida, têm-se os procedimentos metodológicos concomitantemente a apresentação e análise dos dados nas perspectivas geossociolinguística e léxico-semântica com a disposição dos resultados em tabelas e gráficos. Por fim, as considerações finais e as referências utilizadas neste trabalho.

2 A Intrínseca relação língua e cultura: o caso dos tabus linguísticos

A língua, enquanto uma instituição social, “[...] depende de toda cultura, pois tem de expressá-la a cada momento; é um resultado de uma cultura global.” (CÂMARA JR, 1955, p. 53). Nessa perspectiva, ela não tem uma finalidade em si mesmo, mas em expressar a cultura, permitindo a comunicação social entre seus falantes. É, pois por meio da linguagem que o homem realiza intercâmbios culturais na sociedade da qual é membro, transmitindo de geração em geração valores e saberes adquiridos, demonstrando o caráter dinâmico da língua, e com isso, ratificando o nosso entendimento de língua enquanto *energeia* “[...] de força e de impulso que geram uma incessante criação de formas, isto é: o trabalho de tornar inteligíveis e comunicáveis o pensamento e as sensações.” (GOMES-DIAS, 2019, p. 328).



É nesse sentido que seguimos as reflexões de Coseriu (1978) acerca da linguagem como competência linguística e extralinguística, linguagem como conhecimento de mundo, evidenciando costumes, valores, ideologias, bem como o imaginário popular dos falantes de uma comunidade de fala. Nesse universo, de todos os níveis da língua, o léxico é o que melhor evidencia a cultura, posto que, por meio do léxico o homem registra todo seu conhecimento do universo, bem como o categoriza, assim “[...] é no léxico onde mais perceptíveis e abundantes são as mudanças linguísticas motivados pelo desenvolvimento cultural e as mudanças históricas.” (CASADO VELARDE, 1991. p. 74 – Tradução Nossa - TN).²

Por ser um sistema aberto, os estudos lexicais permitem um estudo interdisciplinar, atrelado a outras ciências como: a Dialectologia, cuja principal tarefa é “[...] identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.” (CARDOSO, 2010, p. 15). Desse modo, a partir do espaço geográfico, particularidades de cada região é evidenciada. Para isso, a Dialectologia conta com a Geolinguística, método por excelência que lhe permite cartografar toda diversidade linguística presente na fala dos indivíduos de uma comunidade em mapas linguísticos.

Nessa seara, ao se mapear a diversidade linguística presente no léxico de determinada região, é labor do estudioso considerar a natureza cultural refletida nos registros falados da comunidade, dessa maneira não há como desconsiderar a perspectiva dos estudos da Etnolinguística, a qual teve seu despontar com as contribuições de Humboldt que em 1836 teorizava a respeito da intrínseca relação língua e cultura, a natureza dinâmica da língua (*energeia*), e sua característica de um todo articulado. Humboldt (1836), a partir de suas pesquisas lançou as sementes do que hoje conhecemos como etnolinguística. Com o decorrer dos estudos voltados para a intersecção Língua e Cultura, poucos estudiosos atreveram-se a utilizar o termo

² “[...] en el léxico donde más perceptibles y abundantes son los cambios lingüísticos motivados por el desarrollo cultural y los cambios históricos” (CASADO VELARDE, 1991. p. 74).



Etnolinguística em suas pesquisas, até que Eugenio Coseriu em 1978, apresenta em um dos textos fundadores da área – *Fundamentos e tarefas da Sócio e da Etnolinguística*³.

Em seu texto, Coseriu (1978) delimita os estudos etnolinguísticos, cujo objeto de estudo é a linguagem: “[...] tratados como fatos linguísticos, determinados pelos saberes acerca das coisas [...]” (COSERIU, 1978, p. 12 – Tradução Nossa - TN).⁴ Nessa vertente, Casado Velarde (1991), segundo Gomes-Dias (2019), a partir de seu ensaio, cuja publicação é umas das raras que apresenta como título o termo Etnolinguística, assim como, seus antecessores defende a Etnolinguística como uma disciplina que estuda os fatos de uma língua motivados pelos saberes (ideias, crenças, ideologias). Desse modo, ainda na perspectiva desse autor, “[...] a linguagem, como atividade livre do homem, e como produto dessa atividade, constitui um fenômeno cultural.” (CASADO VELARDE, 1991, p. 27 – Tradução Nossa - TN).⁵

De igual maneira, a Antropologia Linguística, segundo Duranti (2000), entende a linguagem como um recurso da cultura, e por conseguinte a fala como uma prática cultural. Nesse sentido, os falantes de uma comunidade linguística são para os estudos da Antropologia Linguística, atores sociais, assim,

como membros de comunidades singulares e atrativamente complexas, cada uma está articulada como um conjunto de instituições sociais, e através de uma rede de expectativas, crenças e valores morais não necessariamente sobrepostos, mas sim entrecruzados (DURANTI, 2000, p. 21. Tradução Nossa. TN).⁶

Nessa seara, a Etnolinguística e a Antropologia Linguística, ao buscarem registrar a cultura que o homem produziu e produz ao longo de sua trajetória, por meio da linguagem, nos brindam com contribuições teóricas que atuam como uma lanterna para os estudiosos do léxico, clareando as escolhas lexicais que o homem fez e vem

³ Texto apresentado como conferência no I Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística, sediado em João Pessoa – Paraíba, 1978.

⁴ [...] *si se trata de los hechos lingüísticos em cuanto determinados por los saberes acerca de las cosas, se hace etnolinguística propriamente dicha* [...]. (COSERIU, 1978, p. 12).

⁵ [...] *el lenguaje, como actividad libre del hombre, y también como producto de esa actividad, constituye un fenómeno cultural*. (CASADO VELARDE, 1991, p. 27).

⁶ [...] *es decir, como miembros de comunidades, singulares y atrativamente complejas, cada una de las cuales está articulada como un conjunto de instituciones sociales, y através de una red de expectativas, creencias y valores Morales no necesariamente superpuestos, pero si entrecruzado* (DURANTI, 2000, p. 21).



fazendo para se referir a palavras que possam lhe trazer consequências morais, posto que, “[...] as palavras assumem frequentemente diferentes valores e nuances no quadro de diferentes ideologias.” (CASADO VELARDE, 1991, p. 62 – Tradução Nossa - TN).⁷

Dessa maneira, os contextos extralinguísticos (a cultura que permeia o meio onde o falante está inserido) interferem tanto no que se diz ou (não se diz), como também na interpretação daquilo que se diz (CASADO VELARDE, 1991), e, por extensão, nos comportamentos dos indivíduos (DURANTI, 2000).

James Cook (1728-1779) foi um dos pioneiros em relatar o comportamento chamado de *Tapu* (anglicizado como *taboo*, em português *tabu*), segundo Augras (1989, p. 13), os habitantes das Ilhas Tonga, “[...] utilizavam essa palavra adjetivar tudo aquilo que era ao mesmo tempo sagrado e proibido”.

À vista disso, os defeitos físicos, por exemplos, tendem no meio cultural dos falantes denotar algo ruim, a ponto de seus nomes serem evitados, sendo “[...] no geral a crença de que as enfermidades e os defeitos físicos são estigmatizados por Deus, como castigos [...]” (GUÉRIOS, 1979. p. 138).

Sendo assim, quando o falante não profere (não diz) determinadas palavras supostamente dotadas de algum poder sobrenatural, ou mesmo por caracterizarem uma ofensa, seja ela moral ou religiosa, ele está se valendo dos tabus linguísticos palavras ou expressões que não devem ser mencionadas a fim de se evitar malefícios.

Rosário Guérios (1979. p. 1), um dos pioneiros em sistematizar os estudos dos tabus linguísticos em língua portuguesa, em 1941, e posteriormente em 1955, explora os tipos e recursos substitutivos que os falantes de todas as línguas utilizam para referirem a palavras, cuja carga semântica é tida como tabu. Essas palavras ou expressões tidas como palavras-tabus, são traduzidas em sua por “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”, cujo intuito é de amenizar a carga semântica incorporada na palavra tida como tabu.

⁷ “[...] las palabras suelen adquirir diversos valores y matices en el marco de las distintas ideologías. (CASADO VELARDE, 1991, p. 62).



Segundo o Guérios (1979), os tabus linguísticos estão divididos em *próprios* – os que ao serem pronunciados evocam poderes sobrenaturais, causando desgraça ou infelicidade. Os *impróprios* são aqueles relacionados a expressões grosseiras ou imorais. Para tanto, os falantes com a intenção de evitar as consequências trazidas por palavras de carga semântica tabuística, utilizam alguns recursos, nomeados por Guérios (1979) como recursos substitutivos, entre eles temos: o sinônimo, o disfemismo, o diminutivo, a deformação fonética do vocábulo, o uso de arcaísmo, entre outros, como exemplificação de disfemismo o autor elenca as formas *coisa-ruim*, *malvado* e *maldito* como substitutos disfêmicos de *demônio* utilizado no português do Brasil.

Stephen Ullmann (1964. p. 426-427) em seus estudos de Semântica, igualmente contempla os tabus linguísticos, dividindo-os em três grupos, a saber: 1) *tabu de medo*, que está relacionado aos seres sobrenaturais; 2) *tabu de delicadeza* que se refere diretamente a assuntos desagradáveis e, 3) *tabu de decência* que está ligado ao sexo, a certas partes e funções do corpo humano e aos juramentos.

Reforçando as contribuições desses linguistas para área de estudos, Coseriu (1982. p. 71), da mesma forma, defende que os tabus linguísticos não estão associados somente a credices e superstições, mas a aspectos sociais e morais:

[...] várias outras razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade, etc. Evitam-se expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas ou descorteses, ou indecentes. (COSERIU, 1982. p. 71).

Desse modo, os tabus linguísticos *impróprios* (GUÉRIOS, 1979), de *decência* (ULLMANN, 1964) ou *socias e morais* (COSERIU, 1982) são o foco deste trabalho, pois tais tabus, segundo Casas (1986. p. 28. Tradução Nossa, TN)⁸: “[...] aumentaram consideravelmente”.

Nesse sentido, é a cultura da qual o indivíduo está imerso, que dita seus comportamentos, seus pensamentos, bem como suas escolhas lexicais, pois “[...] as palavras importam, e da descoberta empírica de que os signos linguísticos como

⁸ “[...] han aumentado considerablemente.” (CASAS, 1986, p. 28).



representações do mundo e conexões com o mundo nunca são neutros [...]” (DURANTI, 2000. p. 24. Tradução Nossa. TN)⁹.

Nesse sentido, o indivíduo dotado de uma linguagem compartilha de uma cultura que o faz temer ou sentir-se envergonhado ao pronunciar certos nomes. Desse modo, os dados coletados para o estudo demonstram que não há como estudar fenômenos da língua sem considerar a cultura que o permeia, resgatando Duranti (2000), a partir de Seabra (2015, p. 71), a língua é “[...] um conjunto de práticas não só individuais, mas, também, comunitárias.”.

2 Procedimentos metodológicos

Mato Grosso do Sul (MS) território mundialmente conhecido por sua biodiversidade encontrada principalmente no Complexo do Pantanal e no Parque Nacional da Serra da Bodoquena.

É banhado pelos rios Paraná a leste e Paraguai a oeste, este último, segundo Isquierdo (2009, p. 47) teve como primeiros navegantes os índios guaicurus e paiaguás, com o passar do tempo, em meados do século XVI navegantes europeus, movidos pela busca de riquezas passam a desbravar as águas do que hoje conhecemos como Rio Paraguai.

Ainda segundo a autora Isquierdo (2009, p. 47) com o passar do tempo o Estado passou a receber “[...] grandes levas migratórias oriundas também de outros Estados da Federação, em especial os do Nordeste [...]”, os quais, ao se estabelecerem contribuíram para a formação de municípios mato-grossenses.

Dessa maneira, o Estado desmembrado de Mato Grosso efetivamente em janeiro de 1979, passa a compor uma das 27 unidades federativas brasileiras, localizada ao sul da região Centro-Oeste, tendo como limites os Estado de Goiás, a nordeste, Minas Gerais a leste, Mato Grosso ao norte, Paraná ao sul e São Paulo ao sudeste, e países como a Bolívia a oeste e o Paraguai ao oeste e ao sul.

⁹ “[...] las palabras importan, y del hallazgo empírico de que los signos lingüísticos como representaciones del mundo y conexiones con el mundo nunca son neutrales [...]” (DURANTI, 2000, p. 24).



De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado possui 79 municípios, 165 distritos, quatro mesorregiões geográficas e onze microrregiões geográfica. Para a realização deste trabalho foi considerado todo território de MS, cujas localidades fazem parte da rede pontos do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS).

O *corpus* integra o ALMS produzido por pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) sob direção a princípio da professora Albana Xavier Nogueira, seguido pelo professor Dercir Pedro de Oliveira, quem também se ocupou pela publicação do Atlas.

O ALMS é composto por uma rede de pontos de 32 localidades, as quais se distribuem pelas quatro mesorregiões e onze microrregiões do Estado de MS, incluindo também três pontos do pantanal sul-mato-grossense. O Atlas apresenta um total de 557 perguntas e 231 cartas linguísticas. Para coleta de dados conta de dois questionários – QSL (questionário semântico-lexical) com um total de 167 cartas; QFF (questionário fonético-fonológico) contendo 57 cartas fonéticas. A título de estudo, reproduzimos duas cartas lexicais do ALMS, em anexo.

O perfil dos informantes segue os seguintes critérios: ambos os sexos, escolaridade até a 4ª série do Ensino Fundamental ou analfabeto, duas faixas etárias: (18 a 30 anos) - (45 a 70 anos) e nascidos e criados na localidade pesquisada. Além das cartas linguísticas já mencionadas, o ALMS também conta com 07 cartas morfossintáticas. Para este estudo serão analisadas as perguntas da Carta 0220.a *caolho* (*zarolho*) “e quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro?” e a Carta 0221.a *vesgo* (*olho torto*) “e o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro?”.

Os dados apurados foram analisados sob a perspectiva diatópica que leva consideração à distribuição espacial das unidades lexicais, enfocando as variáveis diagenérica – informantes de dois gêneros e diageracional – de duas faixas etárias - (ALMS – faixa etária I - 18 anos a 30 anos – faixa etária II - 45 anos a 70 anos) e léxico-semântico com base em dicionários da Língua Portuguesa: Dicionário Houaiss

da Língua Portuguesa (2001), dicionário eletrônico Caldas Aulete (2014), Bluteau (1712-1728) e para fins de análise dos tabus linguísticos o Dicionário do folclore brasileiro (1972) de Luiz Câmara Cascudo, a fim de identificar as unidades lexicais documentadas como tabus, seguido de suas classificações, quanto aos recursos de substituição pressupostos por Guérios (1979).

3 Discussão dos dados

A discussão dos dados tem início pela análise da Carta lexical 0220.a *caolho* (*zarolho*) em anexo, seguido pelo estudo da Carta lexical 0221.a *vesgo* (*olho torto*) em anexo.

3.1 PERSPECTIVA QUANTITATIVA – CARTA LEXICAL 0220.A CAOLHO (ZAROLHO)

A metodologia adotada pelo ALMS considera a variação fonética, para este estudo centraremos na unidade lexical, desse modo, se fez necessário agrupar às variantes mais produtivas à suas respectivas formas fonéticas. A Tabela 1 abaixo reúne as nove formas lexicais agrupadas como denominação para o referente descrito na Carta 0220.a.

Tabela 1. Formas lexicais agrupadas para *caolho* (*zarolho*)¹⁰.

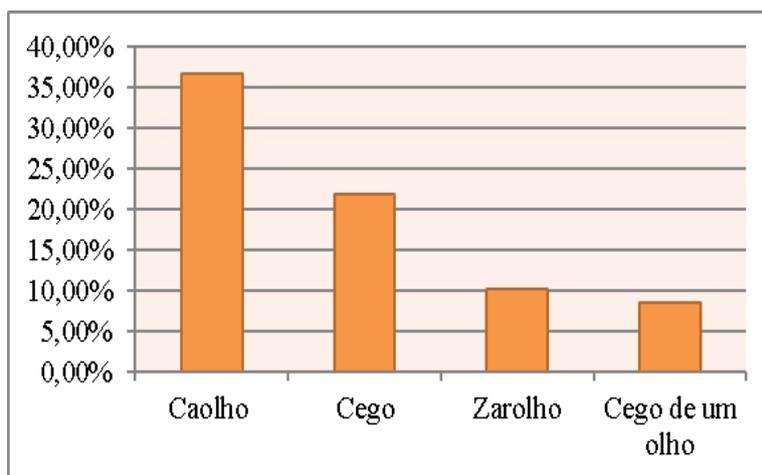
Unidade lexical
Caolho (36,71%)
Cego (21,87%)
Zarolho (10,14%)
Cego de um olho (08,59%)
Cego de uma vista (3,12%)
Cego de um lado (2,34%)
Olho torto (00,78%)
Deficiente do olho (00,78%)
Vesgo (00,78%)

Fonte: Elaboração própria

¹⁰ Nota: Para a variante *caolho* foram agrupadas as formas fonéticas – *caoiu*, *caoi*, *caolha* e *acaoiu*. Para a forma léxica *cego* – *cega* e *sem vista*. Para *zarolho* – *zaroi* e *zarolhu*. Para *cego de um olho* – *cegu di um olhu*, *cegu dum zói*, *cegu dum oi* e *ceguinhu dum oi*. Para *cego de uma vista* – *perdeu uma vista* e *cegu di uma vista*. Para *cego de um lado* – *cegu di um lado* e *cega só di um ladu*. As unidades lexicais *olho torto*, *deficiente do olho* e *vesgo* figuram ocorrências únicas.

O primeiro gráfico representa a produtividade das quatro denominações mais produtivas, enquanto o segundo demonstra os dados das cinco que alçaram menor índice de registros, ambos considerando as localidades da rede de pontos do ALMS.

Gráfico 1. Unidades lexicais mais produtivas para *caolho* (*zarolho*) no Estado de MS.



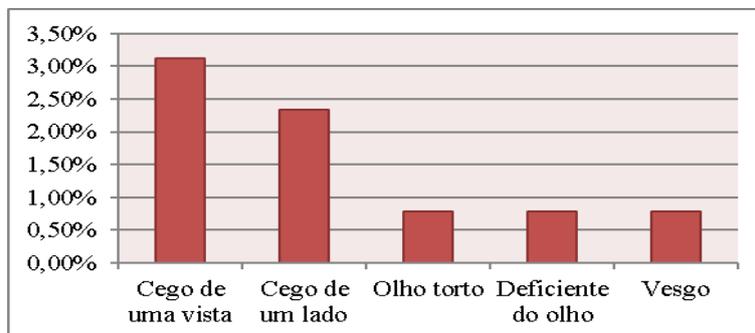
Fonte: Elaboração própria da autora da pesquisa

No Gráfico 1 temos as quatro variantes mais produtivas no universo das denominações para *caolho* (*zarolho*). As duas unidades lexicais mais produtivas – *caolho* (36,71%) e *cego* (21,87%) – computaram o maior percentual de produtividade, com recorrência em todas as localidades do MS (Mato Grosso do Sul) configuradas como rede de pontos do ALMS.

A forma lexical – *zarolho* (10,14%) – também se destaca no conjunto dos dados com maior índice de registros na capital Campo Grande e nas localidades do interior Aquidauana, Iguatemi, Água Clara, Rio Brilhante, Dourados, Rio Brilhante, Eldorado e Amambaí.

O item lexical – *cego de um olho* (08,59%) – por sua vez, foi documentado na capital Campo Grande e nas localidades do interior Rio Negro, Coxim, Nioaque, Dourados, Porto Esperança e Fátima do Sul.

Gráfico 2. Unidades lexicais menos produtivas para *caolho* (*zarolho*) no Estado de MS.



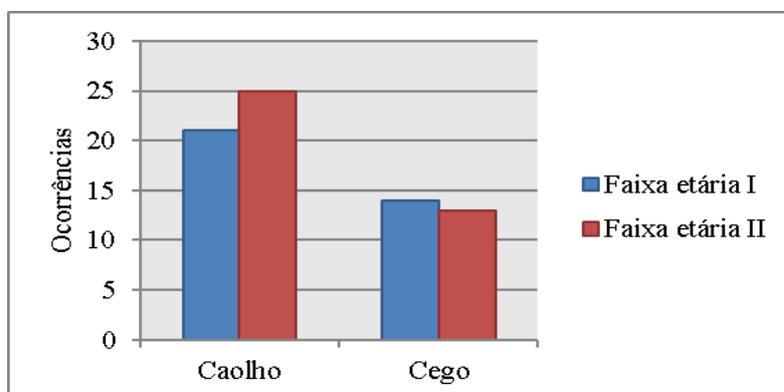
Fonte: Elaboração própria

Em contrapartida, o Gráfico 2 considera as formas lexicais menos produtivas, em que, a unidade lexical – *cego de uma vista* (3,12%) – foi documentada nas localidades de Naviraí, Sete Quedas e Rio Brillante. Já – *cego de um lado* (2,34%) – apresenta ocorrência na localidade Nabileque. As formas lexicais – *olho torto* (0,78%) e *deficiente do olho* (0,78%) – aparecem como ocorrências únicas na localidade de Sete quedas e a lexia – *vesgo* (0,78%) – também ocorrência única na localidade de Paiaguás. Neste estudo não foi considerado as RNP (respostas não produtivas).

3.2.1 Dimensão diageracional

Um olhar para as variantes mais produtivas de acordo com a faixa etária, o Gráfico 3 a seguir visualiza as ocorrências para as formas lexicais – *caolho* e *cego* –.

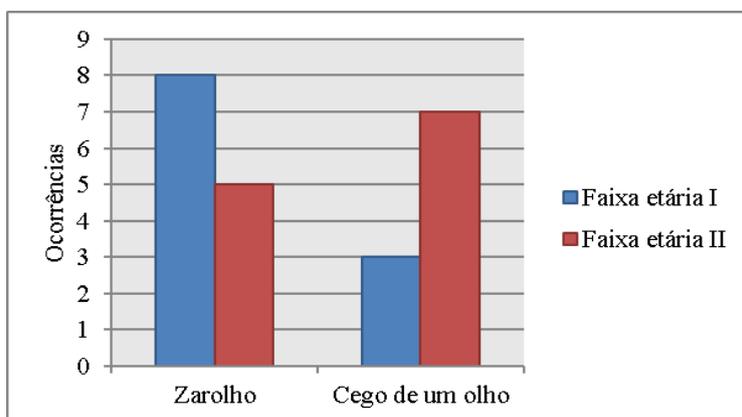
Gráfico 3. Ocorrência das variantes *caolho* e *cego*, segundo a variável faixa etária.



Fonte: Eaboração própria

Os dados mostram que *caolho* obteve maior número de ocorrências na fala dos informantes da faixa etária II computando ao todo vinte e cinco ocorrências, enquanto *cego* reuniu um número de ocorrências levemente acentuado na fala da faixa etária I somando quatorze ocorrências. No Gráfico 4 estão dispostas as variantes *zarolho* e *cego de um olho* que também reúnem um número considerável de produtividade.

Gráfico 4. Ocorrência das variantes *zarolho* e *cego de um olho*, segundo a variável faixa etária.



Fonte: Elaboração própria

A distribuição das variantes segundo a variável “idade” revela um maior índice de produtividade para *zarolho* na fala da faixa etária I com um total de oito ocorrências, já a unidade léxica *cego de um olho* registra sete ocorrências na fala da faixa etária II. No conjunto dos dados, as variantes menos produtivas – *cego de um olho* predominou na fala da faixa etária II, com cinco ocorrências, sendo quatro de informantes homens. Já a variante *cego de um lado* reuniu três ocorrências com maior índice na faixa etária I, na fala de informantes homens.

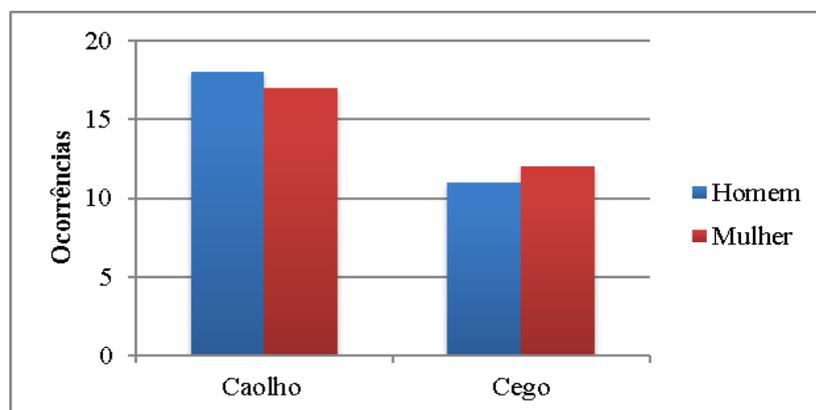
Os itens lexicais de ocorrência única *olho torto* e *deficiente do olho* forma predominantes na fala de informantes homens da faixa etária I. Por fim, a unidade

lexical também de ocorrência única *vesgo* foi visualizada na fala de uma informante mulher da faixa etária II.

3.2.2 Dimensão diassexual

No Gráfico 5 podem ser visualizadas as ocorrências das variantes mais produtivas no Estado de MS segundo a dimensão diassexual.

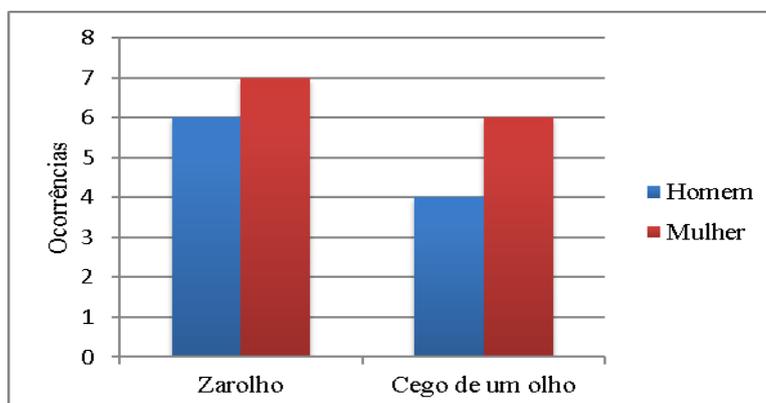
Gráfico 5. Ocorrências para *caolho* e *cego* segundo a variável “sexo”.



Fonte: Elaboração própria

Os dados do Gráfico 5 demonstram que tanto para *caolho* quanto para *cego* as ocorrências apresentam uma leve diferença de uma ocorrência. Em continuidade, apresenta-se a distribuição das formas lexicais *zarolho* e *cego de um olho* nos dois sexos.

Gráfico 6. Ocorrências para *zarolho* e *cego de um olho* segundo a variável “sexo”.



Fonte: Elaboração própria

No Gráfico 6 ambas as variantes são predominantes na fala de informantes femininas. O item lexical *zarolho* apresenta a vantagem de uma ocorrência no universo documentado, já a unidade lexical *cego de um olho* visualiza-se o ganho de duas ocorrências para a variável mulher. Os Gráficos 5 e 6 demonstram que não há muita diferença entre os dois sexos para designar o referente *caolho* (*zarolho*).

3.2 Perspectiva *quantitativa* – *carta lexical 0221.a vesgo* (olho torto):

Para fins de análise a Tabela 2 abaixo agrupa as onze variantes para o referente *vesgo* (*olho torto*).

Tabela 2. Formas lexicais agrupadas para *vesgo* (*olho torto*)¹¹.

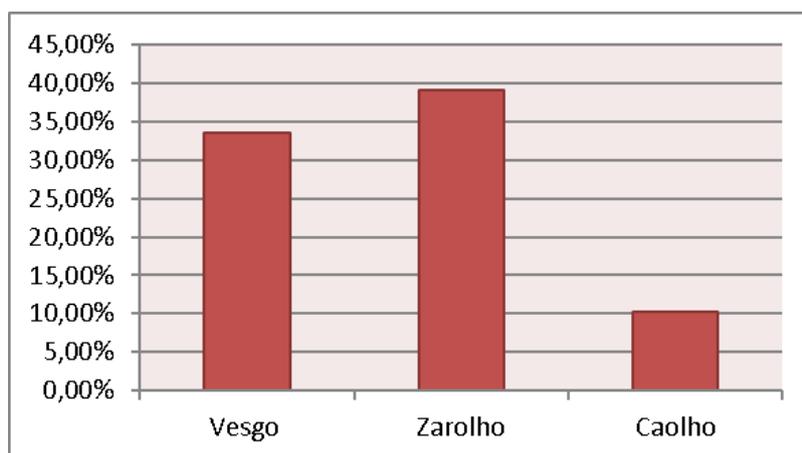
Unidades lexicais
Zarolho (39,06%)
Vesgo (33,59%)
Caolho (10,16%)
Viroto (3,12%)
Estrabismo (2,34%)
Olho torto (1,56%)
Biruto (0,78%)
Míope (0,78%)
Olhando do avesso (0,78)
Ziroto (0,78%)

Fonte: Elaboração própria

¹¹ Nota: Para a forma léxica *zarolho* foram agrupadas as variantes fonéticas – *zaroi*, *zarolhu*, *zanoi* e *zaolhu*. Para *vesgo* – *vesga*, *mesgu* e *vergu*. Para *caolho* – *caoiu* e *caoi*. Para *viroto* – *virota*. Para *olho torto* – *oiu torto*. Para *estrabismo* – *istrábeu* e *istrábicus*. As demais unidades léxicas registraram ocorrências únicas.

O primeiro gráfico visualiza a produtividade das três denominações mais produtivas enquanto o segundo demonstra os dados das sete que obtiveram menor índice de registros, considerando as localidades da rede de pontos do ALMS.

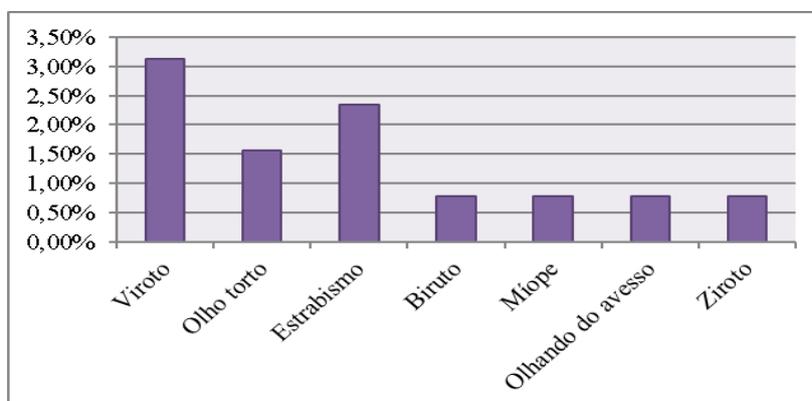
Gráfico 7. Itens lexicais mais produtivos para *vesgo* (*olho torto*) no Estado de MS.



Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 7 engloba as seis variantes mais produtivas para designar o referente *vesgo* (*olho torto*). A unidade lexical *zarolho* com o percentual de 39,06% de produtividade foi registrada em grande parte das regiões do Estado de MS. A variante *vesgo*, por sua vez, com 33,59% foi documentada nas regiões norte, sul, noroeste, sudoeste e sudeste do Estado. A forma lexical *caolha* com 10,16% é visualizada nas regiões sul, nordeste e norte do Estado.

Gráfico 8. Variantes lexicais menos produtivas para *vesgo* (*olho torto*) no Estado de MS.



Fonte: Elaboração própria

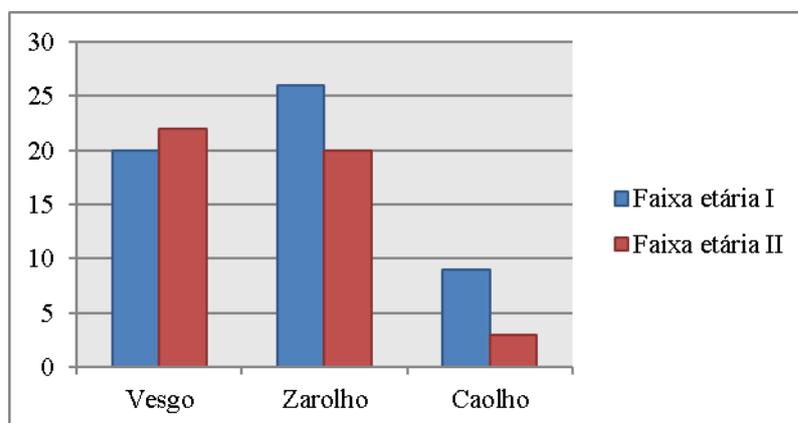
No Gráfico 8 a lexia *viroto* com 3,12% de ocorrências aparece nas localidades de Água Clara, Inocência e Paranaíba, já *estrabismo* nas localidades de Pedro Gomes e Três Lagoas.

O item lexical *olho torto* com 3,12% foi documentado nas localidades de Pedro Gomes e na capital Campo Grande. As unidades lexicais *biruto*, *míope*, *olhando do avesso* e *ziroto* apresentaram ocorrências únicas nas localidades de Coxim, Cassilândia, Porto Murтинho e Paranaíba.

No próximo tópico, com intuito de verificar traços sociais nas escolhas dos informantes serão analisadas as unidades léxicas mais produtivas segundo as variáveis idade e sexo, a começar pela idade.

3.2.3 Dimensão diageracional

Gráfico 9. Ocorrência das variantes *vesgo*, *zarolho* e *caolho*, segundo a variável faixa etária.

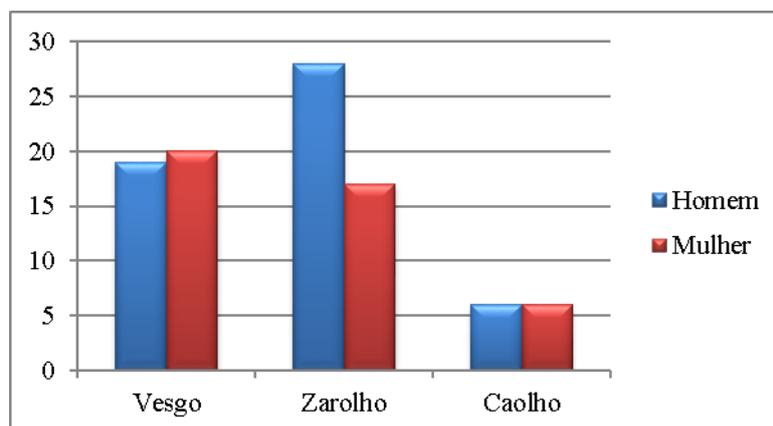


Fonte: Elaboração própria

No Gráfico 9 é possível observar que para as variantes *zarolho* e *caolho* há preferência por parte dos informantes da faixa etária I. Por seu turno, *vesgo* registra uma leve incidência na fala de informantes da faixa etária II. Por fim, as variantes menos produtivas como *viroto*, *olho torto* e *estrabismo* predominaram na fala de informantes da faixa etária II. Na sequência, discutem-se os dados lexicais segundo a variável “sexo”.

3.2.4 Dimensão diasssexual

Gráfico 10. Ocorrência das variantes *vesgo*, *zarolho* e *caolho*, segundo a variável “sexo”.



Fonte: Elaboração própria

O Gráfico 10 apresenta as três formas léxicas mais produtivas para *vesgo* (*olho torto*), a variante *zarolha* registra um maior índice de ocorrências na fala de informantes homens (28 ocorrências) frente a 17 ocorrências de informantes femininos.

A unidade lexical *vesga* apresenta um leve índice acentuado na fala de informantes mulheres com um total de 20 ocorrências frente a 19 registradas na fala de informantes de masculinos. Nota-se que *caolho* obteve um número equivalente de ocorrências entre homens e mulheres.

As unidades lexicais menos produtivas *viroto* e *olho torto* também apresentam um número equivalente de ocorrências entre os informantes masculinos e femininos. Por seu turno, o item lexical *estrabismo* predomina na fala de informantes mulheres. No próximo tópico, analisam-se os aspectos semânticos das unidades lexicais no universo do estudo.

4 Análise semântica

Para fundamentar a análise semântica das unidades lexicais documentadas foram consultados sistematicamente três dicionários da Língua Portuguesa com vistas a



verificar a questão da dicionarização das formas em análise: Bluteau (1712-1728); Houaiss (2001) e Aulete (2014) ambos de suporte digital.

A unidade lexical *caolha* não consta no dicionário de Bluteau (1712-1728), o que poderia ser indício de um termo de uso mais recente. Com relação ao dicionário Houaiss (2001) o item *caolho* é registrado como “cego de um olho; estrábico”. Com vistas à etimologia, temos *caolho* derivado do termo “ka”, originário da língua quimbundo do continente africano, significa “pequeno”, com a palavra de origem latina “olho”.¹²

O dicionário Aulete (2014) registra para esse item lexical “pessoa cega de um olho” e “que é cego de um olho” ambas com remissiva para *zarolho* e ainda “pessoa com estrabismo” e “que tem estrabismo” com remissivas para *estrábico* e *vesgo*.

A forma léxica *zarolho* aparece dicionarizada no dicionário de Língua Portuguesa produzido no século XVIII, respectivamente, Bluteau (1712-1728) em que, a lexia *zarolha* é registrada como *zanolho* remetendo a “falta de hum olho, ou quem os tem atravessados... strabo”.

De acordo com Aulete (2014) *zarolho* designa “indivíduo que não enxerga de um olho ou que é estrábico” com remissiva para *caolho*. O dicionário Houaiss (2001) por sua vez, registra “1. que não tem um olho, ou é cego de um olho. 2. que sofre de desvio de um ou ambos os olhos; estrábico, vesgo”.

Os dados dos dicionários contemporâneos para *caolho* e *zarolho* validam a posição de Isquerdo (2003. p. 172) de que “o usuário comum da língua se confunde ao estabelecer a diferença entre “olho torto” e “caolho” [...], por isso atribui a eles as mesmas designações”.

O item lexical *cego* está dicionarizado em Bluteau (1712-1728) como “que não vê de todo am todo”. Em Aulete (2014) registra-se como primeira acepção “privado da visão; organicamente incapaz de ver”. Já no dicionário Houaiss (2001) lê-se “que(m) não enxerga”. Com base nesses registros, podemos inferir que o informante com receio

¹² Consultar a dissertação de Mestrado de Juliany Fraide Nunes – “Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil: perspectivas semânticas e geossociolinguística” - 2017.



de dizer *caolho* preferiu a forma lexical *cego* que de acordo com os dicionários de Língua Portuguesa não designam o referente em questão. Outra variante lexical com produtividade *cego de um olho* não consta registrada nos dicionários de análise.

A unidade lexical *vesga* em Bluteau (1712-1728) “que tem a vista torcida, metendo hum olho pelo outro.”. No dicionário Aulete (2014) temos na primeira acepção a marca diatécnica indicando que o significado pertence à área médica, “Med. que não tem ambos os olhos direcionados para o foco do olhar, ficando com o campo de visão alterado” apresenta uma remissiva para *estrábico*. No dicionário Houaiss (2001) “que sofre de desvio de um ou ambos os olhos; que sofre de estrabismo; estrábico, vesgueiro. 2. *p.ext* que não é perpendicular ou reto; oblíquo, tortuoso, torto” com sinonímia para *estrábico*.

Outra variante documentada pelo ALMS *estrabismo* é registrada em Bluteau (1712-1728) como *strabismo* “s.m. Cirurg. Má posição do olho dentro da sua órbita”, considerando a marca diatécnica também pertencente à área médica. Com respeito ao dicionário Aulete (2014) temos “Oft. Desvio ocular que faz com que os dois olhos não consigam fixar um mesmo ponto ao mesmo tempo” apresentando a marca diatécnica oftalmologia. No dicionário Houaiss (2001) lê-se “desvio de um dos olhos da direção correta [ETIM: *lat. cien. strabismus*, do gr. *strabismós*, de *strabos* ‘vesgo’]”.

O último item léxico a ser considerado no universo das análises semânticas é *viroto* não dicionarizado em nenhum dos dicionários pesquisados, mas relevante, pois foi documentado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (AliB) por informantes da região Centro-Oeste, um exemplo é o informante feminino de faixa etária 2 de Mato Grosso: “Tem pessoas que a gente acha que tá olhando e você tá olhando lá nela a de lá tá pensano que tá olhando lá, té pensano em você, então aquela pessoa é «viroto».”¹³ (COSTA, 2018. p. 265) ratificando a presença dessa lexia na fala de informantes do

¹³ Os dados foram extraídos da Tese de Doutorado intitulada: “Vocabulário dialetal do Centro-Oeste: interfaces entre a Lexicografia e a Dialetologia” defendida pela Doutora Daniela de Souza Silva Costa defendida em 2018 – UEL – Universidade Estadual de Londrina sob a orientação da professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo.



Estado de MS, uma vez que, historicamente essas regiões eram uma só e hoje são estados vizinhos.

4.1 Tabus linguísticos

A partir de pesquisas realizadas como a dissertação de mestrado de Juliany Fraide Nunes (2017) e a obra de Guérios (1979), o “olho”, bem como as demais partes do corpo humano, evoca em si a presença do tabu. Nas antigas civilizações, por exemplo, era proibido dizer o nome dessa parte do corpo, pois se referia ao deus das tribos malaias. Outra crença se refere aos períodos das caçadas, em que ao se pronunciar a palavra olho se acreditava que traria um mau-olhado, comprometendo assim, todo um período de caça. No dicionário de folclore de Cascudo (1972), em uma das acepções para olho lê-se “[...] fecha os olhos para o mundo e abre-os para Deus”, se referindo à pessoa que acaba de morrer. Dessa forma, vemos a crença em torno dos olhos, os quais ao se fecharem em decorrência da morte se abririam para algo novo, estabelecendo assim, uma ligação com as crenças religiosas dos indivíduos.

No conjunto das variantes para Carta lexical 0220.a entende-se *caolho* e *zarolho* como tabus, uma vez que, a produtividade da forma lexical *cego* evidencia que esses itens léxicos podem ser usados como pejorativos, devendo ser evitados a fim de não magoar quem carrega essa deficiência corporal. Dentre as unidades lexicais levantadas como respostas para essa pergunta, verificaram-se como recursos substitutivos com base em Guérios (1979) casos de disfemismo, eufemismo e deformação fonética. Como disfemismos foram consideradas as unidades *caolho*, *zarolho* e *vesgo*. Já a forma léxica *cego*, ainda que não nomeie o referente em questão foi considerada como eufemismo, pois em certa medida suaviza a carga semântica de *caolho* e *zarolho*.

O item lexical *vioto* pode ser inferido como uma deformação fonética de alguma unidade léxica conhecida pelos informantes.

Segundo os estudos de Nunes (2017) o item lexical *estrábico* não se enquadra nos meios de substituição, pois é considerado o termo técnico para nomear o conceito em causa. Finalizada as análises apresentam-se as considerações finais.



Conclusão

Estudar o léxico de uma língua, ainda que de formas mais sintetizadas, é evidenciar a intrínseca relação língua e cultura expressa na fala de informantes de diferentes rincões do Brasil, e por extensão do mundo. Este trabalho demonstrou por meio das análises, seguindo os pensamentos de Casado Velarde (1991) que as palavras ganham valores diante de distintas ideologias, uma vez que a linguagem é influenciada diretamente pela época em que se situa.

Nessa vertente, no âmbito deste estudo analisaram-se dados lexicais oriundos de cartas lexicais que fornecem, sobretudo, uma amostra do falar do Estado de MS. Para retratar a realidade linguística do estado em questão, foram selecionadas duas perguntas, 0220.a – “E quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro” e 0221.a – “E o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro?” (OLIVEIRA, 2007, p. 159-160).

A pergunta 0220.a – “E quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro” totalizou nove variantes. Como a mais produtiva foi registrada *caolho* com o percentual de 36,71% de ocorrências agrupadas, sendo registrada em todas as localidades do Estado de MS. Houve o registro da variante *cego* como a segunda mais produtiva com 21,87% das ocorrências, ainda que, não corresponda com o sema da pergunta optou-se pela análise, pois inferimos que possa se tratar de um recurso substitutivo eufêmico, para suavizar a carga semântica presente em *caolho*.

A segunda pergunta analisada 0221.a – “E o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro?” somou onze variantes. A mais produtiva foi *zarolho* com um percentual de 39,06% de ocorrências agrupadas, cujos registros aparecem em grande parte das localidades do Estado.

Além do estudo diatópico dos dados, também foram analisados as variáveis sociais, idade e sexo. No que tange a escolha do item lexical *cego* temos uma escolha preferencial de informantes femininos, ressaltando o cuidado que as mulheres têm na



escolha de palavras. Quanto à faixa etária o predomínio é da faixa etária I, o que pode evidenciar traços de conservadores na fala dos informantes do Estado de MS.

No estudo também foi possível verificar a presença de tabus linguísticos na fala dos informantes sul-mato-grossenses. Com base no registro dos dados, verificou-se que o uso de *palavras-tabus* está distribuído de igual maneira na fala dos homens e das mulheres e, podemos inferir, que muitas vezes, unidades léxicas como *caolho*, *zarolho* e *vesgo* são utilizadas, mas sem levar em conta sua carga semântica pejorativa.

Em suma, concordamos com Casado Velarde (1991) ao dizer que *a língua não é outra coisa senão uma reestruturação, relacionada à necessidade de se manter os saberes que se devem conservar, e distinguir dos novos, que vão amadurecendo como patrimônio cognoscitivo-linguístico de uma comunidade*¹⁴.

Nessa esteira, o estudo comprovou a presença de tabus linguísticos na fala dos informantes sul-mato-grossenses, assim como, a interferência de variáveis sociais em suas falas.

Referências

- AULETE, Caldas. **Dicionário Caldas Aulete**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014. Versão online.
- AUGRAS, Monique. **O que é tabu**. 1ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989
- BLUTEAU, Raphael. **vocabulario portuguez & latino**. Coimbra, 1712-1728. Disponível em: < <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1> >. Acesso em: 02 jul 2021.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: Tradição e Modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- VELARDE, Manuel Casado. **Lenguaje y cultura**. Madrid: Editorial Sintesis, S.A., 1991.
- CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.
- COSERIU, Eugenio. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. In: MELLO, Linalda de Arruda (org.) **Sociedade, Cultura & Língua**. Ensaios de sócio e etnolinguística. João Pessoa: SHORIN, 1990. p.28-49.
- COSERIU, Eugenio. **O homem e sua Linguagem**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

¹⁴ Tradução e grifo nosso.



DURANTI, Alessandro. **Antropologia linguística**. Tradução Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

GOMES-DIAS, D. Humboldt é nosso pai: ensaio sobre a cultura, a linguagem e a Etnolinguística. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI, CRATO**, V. 8., N.2., 2019, p. 323-337.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus Linguísticos**. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jéri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (Orgs.) **História, região e identidades**. Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras... In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 42-59.

MATTOSE CAMARA JR, J. LÍNGUA E CULTURA. **Revista Letras**, [S.l.], v. 4, dez. 1955. ISSN 2236-0999. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046>. Acesso em: 26 mar. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v4i0.20046>.

OLIVEIRA, D. P. (Org.). **ALMS, Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

SAPIR, E. Língua e ambiente. In: **Linguística como ciência**. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura, Léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (Orgs.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

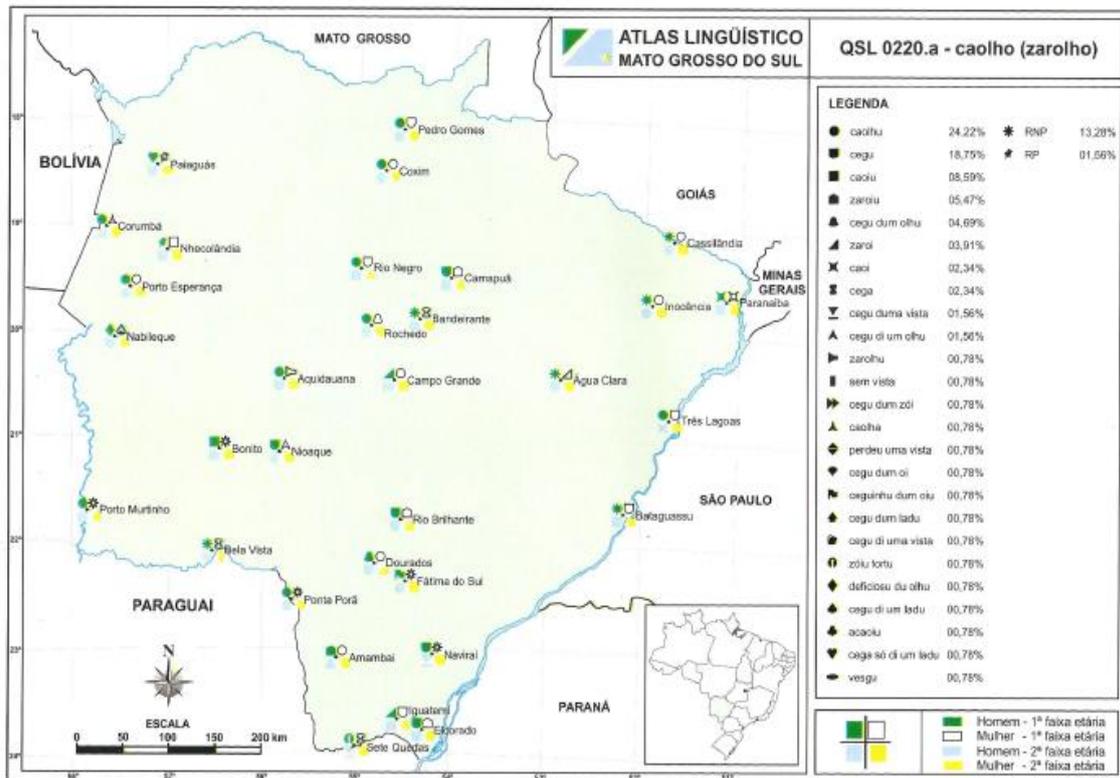
VELARDE, Manuel Casado. **Lenguaje y cultura**. Madrid: Editorial Síntesis, S.A., 1991.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura, Léxico. In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (Orgs.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84

ANEXOS

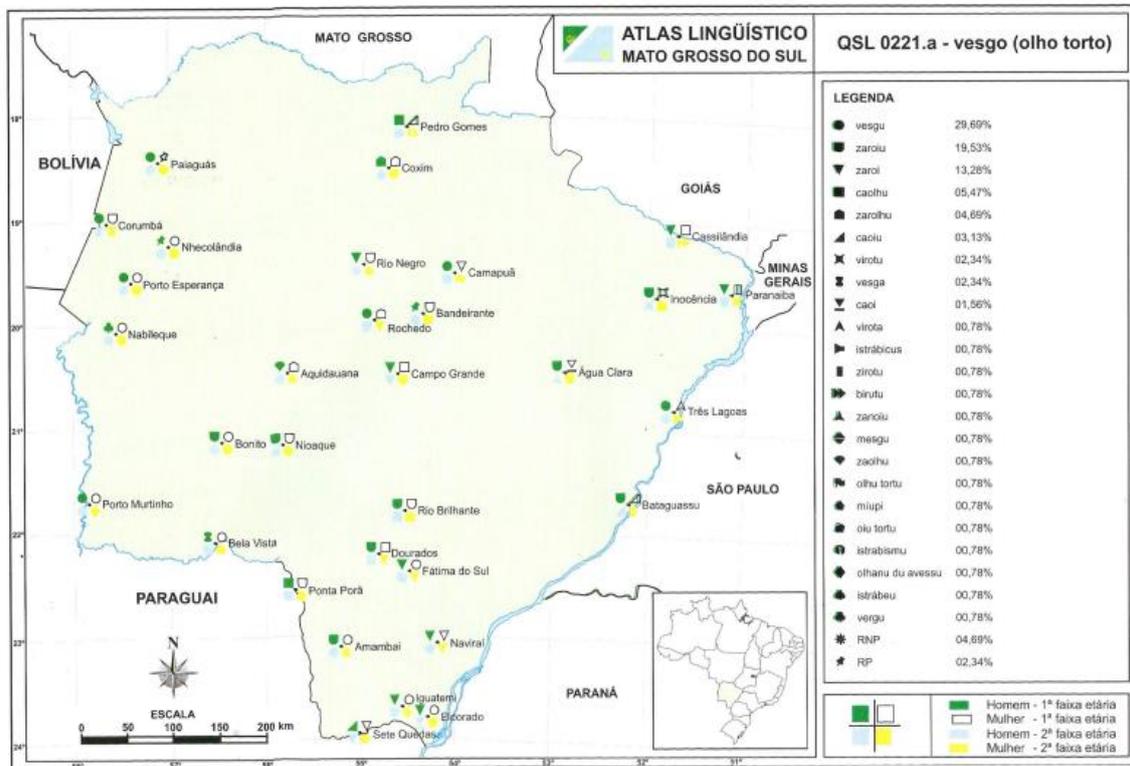
Atlas linguísticos do mato grosso do sul designação regional para Zarolho e olho torto.

ANEXO I: Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul - Zarolho



Fonte: OLIVEIRA, 2007, p. 59

ANEXO II: Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul – Olho Torto.



Fonte: OLIVEIRA, 2007, p. 160

Recebido em: 07/06/2022 | Aprovado em: 11/07/2022.
